

Nota de apresentação

Educação e Saúde

NATÉRCIO AFONSO

RUI CANÁRIO

A integração de profissionais da saúde em cursos de formação graduada e pós graduada tem uma forte tradição nos cursos de ciências da educação desta faculdade. Foi aqui que, numa modalidade pioneira, se desenvolveram os primeiros cursos de mestrado em pedagogia da saúde, no início dos anos 90, em colaboração com o Ministério da Saúde e dirigidos a um público profissionalmente muito diferenciado, embora inserido no mesmo campo: enfermeiros, professores de enfermagem, médicos, técnicos de diagnóstico e terapêutica, psicólogos, gestores. A continuidade desta tradição tem constituído um factor de grande enriquecimento das ciências da educação (inicialmente quase exclusivamente vocacionadas para o universo escolar), quer no plano pedagógico, quer no plano científico. Este número da revista *Sísifo* alimenta-se e pretende divulgar parte dos trabalhos de investigação mais recentes, produzidos ao nível pós graduado. Trata-se de um conjunto de contribuições que se distingue, quer pela sua diversidade metodológica e temática, quer pela ajuda a tornar visíveis os laços de pertinência que, nos domínios da acção e da investigação, ligam educação e saúde.

O progresso das capacidades científicas e técnicas de diminuir a mortalidade precoce, de prolongar o tempo de vida e de erradicar muitas das doenças que dizimavam a humanidade conferiu uma grande importância material, social e simbólica ao campo da saúde. Como contrapartida, verificaram-se o crescimento exponencial da oferta dos cuidados de saúde, o crescimento, também ex-

ponencial, das despesas respectivas, e a emergência de um grupo cada vez mais numeroso, mas também mais diversificado, dos profissionais desta área. O progresso científico neste domínio, nomeadamente nos países ditos “desenvolvidos”, reforçou uma tendência, que remonta ao século XIX, a fazer emergir uma nova atitude perante a morte que, no limite, tende a negá-la ou a ocultá-la. Este fenómeno tem evidentes repercussões civilizacionais, na medida em que, como lucidamente notou o sociólogo Norberto Elias (2001), se perde a conexão entre o modo de viver e o modo de morrer. Num sentido amplo, a construção desta conexão (em última análise é a morte que dá sentido à vida), ao nível individual e colectivo, está no cerne do processo de aprendizagem que coincide com o ciclo vital. Ao campo da saúde e aos seus problemas é, portanto, transversal uma dimensão educativa cuja visibilidade é afectada pela hegemonia de um paradigma médico, dominado por uma concepção técnica e instrumental do conhecimento científico.

Os efeitos perversos, traduzidos em fenómenos contraprodutivos, que Ivan Illich tão lucidamente analisou há quase quarenta anos (1977), estão dramaticamente comprovados e agravados nos nossos dias, por aquilo a que o mesmo Illich (1999), num dos seus últimos textos, viria a designar por “obsessão da saúde perfeita”, em que “cada um exige que o progresso ponha fim aos sofrimentos do corpo, mantenha a frescura da juventude e prolongue a vida ao infinito” o que significa, para este autor, a própria negação da condição humana. Os efeitos

iatrogénicos decorrentes de uma medicina orientada para uma vertente exclusivamente curativa são, nos dias de hoje, claramente agravados pela transformação dos cuidados de saúde numa mercadoria que alimenta as indústrias farmacêuticas e hospitalares, orientadas para a obtenção de lucros. O crescimento significativo, em todo o mundo, do número de nascimentos por cesariana, por exemplo, é parcialmente explicável pela transformação desta intervenção cirúrgica num bem de consumo.

Por outro lado, se a medicina científica se afirmou tendo como referência central a “doença”, estamos a assistir hoje a uma inversão de sentido dos discursos que colocam, agora, a ênfase na centralidade da “saúde”. Cada pessoa passa não apenas a ter o direito, mas, sobretudo, o *dever* de se manter saudável, adoptando comportamentos e estilos de vida “correctos”. Paradoxalmente, a obsessão da saúde perfeita conduz a multiplicar uma doença crónica que consiste em prevenir tudo aquilo que é definido como patológico.

Nas nossas sociedades, face à evolução sumariamente traçada, a investigação sobre o campo da saúde complexificou-se e abriu-se ao questionamento dos seus problemas por parte das ciências sociais e humanas, no conjunto das quais se inscreve o domínio híbrido das ciências da educação que tende a cruzar-se, com crescente pertinência, com o campo, igualmente híbrido, das ciências da saúde. É a fecundidade desse cruzamento que, no dossier temático que constitui o núcleo duro deste número da revista *Sísifo*, procuramos colocar em evidência, multiplicando e diversificando os pontos de vista e os modos de abordagem da realidade empírica.

No conjunto de artigos predomina o tratamento de questões referentes à formação de profissionais de saúde em contexto de trabalho, mas estão presentes resultados de estudos que incidem sobre a formação inicial, quer de enfermeiros, quer de médicos. São os casos, respectivamente, dos artigos assinados por Miguel Serra (cujo processo de doutoramento em curso incide sobre a construção da identidade profissional por estudantes de

enfermagem) e de Patrícia Rosado Pinto que, com base na sua tese de doutoramento, aborda os desafios que hoje se colocam à formação dos médicos, bem como o papel que pode ser desempenhado por um departamento de educação numa faculdade de medicina. Os restantes artigos, baseados em teses de mestrado já concluídas, aprofundam conhecimento sobre o potencial formativo dos contextos de trabalho, incidindo sobre diversas vertentes. Por um lado, a aprendizagem em exercício no contexto hospitalar, casos dos artigos de Maria Emília Bártolo (estudo de caso de uma unidade pediátrica de cuidados intensivos) e de Patrícia Vinheiras Alves (que se debruça especificamente sobre as virtualidades formativas das equipas multiprofissionais). Por outro lado, publicam-se resultados de investigações centradas na relação entre o exercício profissional e o contexto comunitário e familiar: Alexandra Cosme dá conta de um projecto de intervenção comunitária centrada em diabéticos, enquanto que Raquel Correia procura elucidar as lógicas que subjazem à orientação para o contexto comunitário de enfermeiros recém licenciados. O artigo de Ana Raquel Gonçalves remete para a relação de interface entre o universo hospitalar e o contexto familiar, privilegiando o ponto de vista do utente (como se aprende a ser mãe). O dossier temático é complementado por duas recensões, assinadas, respectivamente por Luísa d’Espiney e Graça Simões. Ambas as obras apresentadas correspondem à edição de teses de mestrado, cujo trabalho de investigação incide sobre a formação e construção identitária dos enfermeiros.

Este número da *Sísifo* é enriquecido com a contribuição importante de colegas brasileiros: De Lourdes Helena da Silva publica-se o texto da sua conferência sobre a experiência brasileira de utilização da alternância na educação do campo. Sobre uma realidade similar, publicamos o artigo de Maria José Soares que analisa a experiência de professores em áreas de reforma agrária. Ramon de Oliveira proporciona-nos uma síntese sobre a influência do empresariado e das agências supranacionais, nas políticas de formação profissional no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANÁRIO, Rui (2005). Ser enfermeiro hoje. *Caderno CE — Caderno de Currículo e Ensino*, 8, V, pp. 9-24.
- ELIAS, Norberto (2001). *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar editor.
- ILLICH, Ivan (1977). *Limites para a medicina. A expropriação da saúde*. Lisboa: Sá da Costa.
- ILLICH, Ivan (1999). *Un facteur pathogène prédominant. L'obsession de la santé parfaite*. Consultado em Março de 2008 em <http://www.monde-diplomatique.fr/1999/03/ILLICH/11802>

